



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOMÉSTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO

Ruth Helena Cristo Almeida

Universidade Federal Rural da Amazônia, ruth.almeida@ufra.edu.br

Resumo: O objetivo geral do presente trabalho é discutir o papel das mulheres no Novo Rural Amazônico, decorrentes da relação comercial/parceria entre empresa de biocosméticos e comunidades rurais que cultivam a pripioca (*Cyperus articulatus* L.) no estado do Pará. A metodologia consistiu na análise da construção discursiva de três presidentes de associações que estão envolvidas no projeto e com base na análise de conteúdo contido nos relatórios institucionais anuais da empresa Natura. Fez-se uso também de questionário com os atores-chave nas comunidades que possuem relação com as empresas de biocosméticos, além da utilização de dados secundários, observação direta e fundamentação teórica através de uma extensa revisão da literatura que abordem o tema em questão de modo a proporcionar a construção de um arcabouço teórico para viabilizar a discussão do assunto. Os resultados demonstram que a empresa organizou-se internamente, através da construção de visão, metas e, em torno do desenvolvimento sustentável, porém verificou-se uma série de paradoxos entre o discurso da empresa e sua prática comercial, que em muitos momentos foi unilateral. Ocorreu, por parte da empresa, o fomento para a transformação de pessoa jurídica de organizações sociais já existentes nas comunidades. E, aliada a este apoio, as mulheres foram das comunidades foram incentivadas a concorrer, pois para a empresa as mesmas eram mais responsáveis, melhores na conciliação, mais organizadas entre outros estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Organização social, Parceria, Discursos.

INTRODUÇÃO

A Amazônia, considerada a maior floresta tropical do planeta e a principal fonte de biodiversidade mundial, encerra em si mesma uma grande dualidade discursiva. Se por um lado, ela já foi vista como um lugar de desgraças, inferno verde, do desconhecido que ameaça, vazio demográfico; de outro, e não menos espetaculoso, é representada como um recurso extremamente importante à escala planetária. Para este último, faz-se necessário lembrar algumas construções de Amazônia

como: o pulmão do mundo, celeiro do mundo, santuário ecológico, região do futuro, a Amazônia como El Dourado, representando assim uma oportunidade imensa para o crescimento econômico, tendo com base uma biodiversidade considerada “salvadora”. Este cenário, porém, está hoje imbuído de uma roupagem denominada de desenvolvimento sustentável concebida como a esperança ainda resguardada e cujo principal mote seria a união entre o econômico, o social, o ambiental, o cultural, o político e o ético, elementos antes considerados contraditórios



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

entre si. Deste modo, existe um cenário, entremeadado por debates políticos, sociais, econômicos e simbólicos em torno da construção de uma polaridade criada pelos atores sociais envolvidos, seja pelo Estado, pela sociedade civil ou por empresas, relativa a questões de uso dos recursos Naturais na Amazônia que são tratadas dicotomicamente, considerando o recurso como aquele que precisa ser preservado a qualquer custo ou como aquele que precisa ser aberto ao “progresso”.

Nesse contexto empresas que compram produtos da biodiversidade Amazônica mapeiam produtos, áreas e atores sociais como as mulheres, que para as empresas são mais responsáveis, “retas” com suas ações e decisões.

Assim, o objetivo geral do presente trabalho é discutir o papel das mulheres no Novo Rural Amazônico, decorrentes da relação comercial/parceria entre empresa de biocsméticos e comunidades rurais que cultivam a priprioca (*Cyperus articulatus* L.) no estado do Pará.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo, para desvendar esta rede de relações instaladas pela empresa, se pautou numa pesquisa de natureza qualitativa. Neste tipo de pesquisa existe “uma relação dinâmica entre o mundo

real e ao sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2010, p.79). Ou seja, o objeto de estudo não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A metodologia consistiu na análise da construção discursiva de três presidentes de associações que estão envolvidas no projeto e com base na análise de conteúdo contido nos relatórios institucionais anuais da empresa Natura. Fez-se uso também de questionário com os atores-chave nas comunidades que possuem relação com as empresas de biocsméticos, além da utilização de dados secundários, observação direta e fundamentação teórica através de uma extensa revisão da literatura que abordem o tema em questão de modo a proporcionar a construção de um arcabouço teórico para viabilizar a discussão do assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2000 a empresa Natura lança a Linha Ekos, de produtos que incorporam ativos da biodiversidade brasileira e que representou importante salto econômico à empresa, e que em particular interessa neste trabalho (Relatório Natura, 2004).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

Para dar este passo a Natura para a comprar de agricultores familiares de Boa Vista do Acará, Cotijuba e Campo Limpo, que encontram-se muito próximos à Belém (média de 55 km da capital). Com exceção de Campo Limpo, cujo acesso, relações econômicas e sociais ocorrem via estrada, as demais comunidades, desenvolvem suas atividades via rio. São ribeirinhos transformados em ribeirinhos citadinos/urbanos, pois suas experiências são moldadas pelas fortes relações de contato com o cotidiano da cidade de Belém, principalmente através do trabalho, estudos e busca por assistência médica (RODRIGUES, 2008). São grupos, assim como muitas sociedades amazônicas, que vivem certa “invisibilidade” cujo modo de vida são diversos e heterogêneos, diferentes dos discursados em várias literaturas ou representação científica (MOURÃO, 2011). Nestas comunidades suas relações são desenvolvidas dentro do grupo com finalidades diferentes, seja para produção, comercialização, troca de trabalho, entre outras, sendo muitas destas realizadas dentro de um contexto informal, mais personalizados, que passam por uma relação de pessoalidade, confiança, ajuda mútua e reciprocidade entre seus envolvidos, sem uma base “legal” exigida numa relação contratual com empresas. Na área das comunidades existe, o que denominamos aqui, de

equipamentos coletivos, a saber: igrejas, praças, posto de saúde (somente em Cotijuba), escolas, Barracão/Centro comunitário, Salão de festas e reunião, campo de futebol e casa de farinha comunitária que são de usufruto de todos. As principais atividades de lazer são realizadas dentro das próprias comunidades ou no município como: missas/cultos (80,85%), futebol (65,96%), rios e igarapés (46,81%), festas (44,68%), festa do padroeiro (35,53%) e pescaria (29,79%).

Entre as comunidades uma categoria relacional foi criada “antes” e “depois da Natura”. Antes da relação contratual com a empresa Natura, a forma de organização e representação social tinha como papel central a figura do “presidente” da comunidade, cuja permanência em tal “cargo/situação” requer eleição, mas sem tempo fixo. Em uma das comunidades o presidente estava há mais de 15 anos. Outra forma importante de associação são as ligadas as diferentes igrejas que agregam um número significativo de pessoas, que em Campo Limpo teve um impacto importante. Segundo um dos entrevistados, eles estariam “organizados por causa da igreja católica, ela nos educou, na seriedade do trabalho desinteressado, sem devolução”. A dificuldade de acesso aos equipamentos urbanos (saúde principalmente), mas não somente, fez com



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

que algumas famílias desenvolvessem estratégias peculiares e solidárias para sobrevivência comunitária, como uma questão de reprodução do grupo. Destaca-se assim a existência de entidades associativas criadas em Boa Vista e Campo Limpo por motivações religiosas e de ajuda mútua. Nestas comunidades foram criados grupo informais chamados “União faz a força” e “Unidos Venceremos”, cujo objetivo principal foi o mesmo: união da comunidade para arrecadar recursos, através de bingos, festas, venda de comidas, etc. para dar apoio às famílias com problemas de saúde, desemprego ou outros. Antes tinha um grupo de pessoas que fazia rifa, eventos, para arrecadar dinheiro para auxílio doença. Quando alguém adoecia esses recursos servia para levar pra Belém, comprar algum remédio. Mas não tinha associação (Agricultor familiar, um dos fundadores do grupo “União faz a força”) A cooperação é uma forma de interação social. Apresenta-se nas mais diversas situações da existência humana. Este processo permite que grupos de indivíduos combinem suas atividades, de maneira mais ou menos organizada, para a realização de interesses comuns, semelhantes ou complementares. Estes interesses podem ser orientados para um fim e para uma determinada função. A cooperação para um fim é orientada para a obtenção concreta de um certo resultado, que será obtido tomando-

se em consideração uma meta singular diante de uma situação. A cooperação para a realização de uma função é aquela forma de interação contínua, em que se realizam atividades consideradas gratificantes à coletividade. No primeiro caso as pessoas se desligam quando alcançam seus objetivos. Enquanto no segundo caso a cooperação continua, se revitaliza constantemente ou adquire um outro objetivo (FERRARI, 1983, p.262). Porém, como ressaltado anteriormente, para o estabelecimento de uma parceria econômica e atender o contrato de venda entre a empresa Natura e as comunidades, **fez-se necessário a criação e formalização jurídica de três associações:** Associação de pequenos produtores e produtoras de Campo Limpo (APROCAMP), Associação de produtores de Boa Vista (APBV) e Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB, como “sugestão” da própria Natura. São Associações de interesse econômico, onde a comunidade de Boa Vista, por exemplo, são 23 famílias que estão envolvidas na produção de pirioca e associadas, num universo de mais de 120 famílias.

Segundo relatório do Instituto Peabiru (2005) o MMIB - Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém em Cotijuba já existia, participava de fóruns de discussão em Belém, em conjunto com outras associações e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

cooperativas, porém com outro contexto e viu sua formalização completada nesta ocasião. O MMIB atua em 6 das 39 ilhas do município de Belém – Cotijuba, bem como Curuçambá, Tatuoca, Paquetá, Urubuoca e Jutuba. A questão da violência, independência financeira da mulher é uma das preocupações centrais do MMIB. Muitos depoimentos apontam a falta de oportunidades de educação, renda e ocupação para as mulheres. Desta forma, o “Projeto Priprioca” “acelerou” a formalização da associação em Cotijuba, formalizou/consolidou a de Campo Limpo e promoveu a de Boa Vista do Acará, com recursos financeiros da própria empresa, pois além da burocracia, os custos de formalização de uma associação também eram vistos como problemas. Enfim, desde o início ficou bastante claro que a associação foi criada para atender ao contrato com a Natura.

Havia um grupo de pessoas que sempre se reuniam e que trabalhavam há mais de 20 anos e queriam legalizar a associação, fundar, mas não tinham conhecimento e escolaridade...achavam muita dificuldade lidar com tantos papéis, documentos. Quando a Natura chega na comunidade em 2002, ainda não tinha associação formada, mas a Natura precisava né? Ai eles foram e formaram a associação registrada. Na hora que a Natura chegou só faltava o dinheiro para a regularização, ai a Natura investiu. A motivação da criação foi o contrato com a Natura, tinha que estar tudo documentado, tinha que ser uma associação para eles poderem fazer a encomenda, tinha que ser de pessoa jurídica. Os objetivos é para buscar novos projetos, construir a sede da associação (Agricultor familiar, participante do “Projeto priprioca”). Pra forma a associação na época fui na casa das pessoas, fui chamando as pessoas, ai veio o pessoal da Natura

e fomos fazer reunião. A empresa foi que conseguiu conquistar o pessoal pra formar a associação, as pessoas não queriam. Falei que o jeito era ir na casa das pessoas pra convidar pras reuniões, ‘a senhora convida os pessoal pra ver se consegue’. Fizemos umas 3 reuniões ai fechamos nestes 23 porque só podia vender para associação, através da associação pra ter os direitos. Ai a gente conseguiu Graças a Deus. 23 pessoas que toparam o projeto (Agricultor familiar, participante do “Projeto priprioca”).

Foi numa destas reuniões que saiu a sugestão da Natura de formação de uma associação de produtores para facilitar tanto a comercialização da priprioca em escala ampliada quanto às negociações que adviriam para o estabelecimento dos contratos. Entre esses contratos a assinatura da autorização de captação e uso de imagens coletivas, com a realização das primeiras filmagens/fotografias em Boa Vista, com fins para marketing da empresa. A repercussão desta ação gerou reportagens do Globo Rural (22/03/2004), bem como do Programa do Cumpadre Wagner (Record) e do É do Pará (TV Liberal). Na novela Celebridade (Rede Globo), veiculada em 2003 e 2004, os atores globais Marcos Palmeira e Malu Mader fizeram uma ampla divulgação para o lançamento do perfume de priprioca. Os Correios, com a colaboração do Museu Paraense Emílio Goeldi, fizeram o lançamento do selo com a estampa da priprioca em 23 de novembro de 2004 (NICOLI et al., 2006). Após um primeiro levantamento do volume produzido, concluiu-



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

se pela inviabilidade de propor a essa comunidade que aumentasse sua produção para suprir as necessidades da Natura e, ao mesmo tempo, mantivesse suas outras atividades: plantação de mandioca e produção da farinha, açaí, entre outros. Em novembro de 2003 a Natura compra mudas de pirioca de alguns produtores na Boa Vista, para que outras comunidades participassem da produção. Por meio de indicação da UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia foi escolhida mais duas outras comunidades próximas a Belém: Ilha de Cotijuba (Belém) e Campo Limpo (Santo Antônio do Tauá) para complementar a quantidade necessária à extração de óleo essencial da pirioca, conforme pesquisa realizada (30 kg = 100 ml).

Tanto na ilha de Cotijuba, como em Campo Limpo, município de Santo Antônio do Tauá a pirioca foi introduzida e, apesar da planta existir nas duas áreas, não havia histórico de comercialização. As comunidades, mesmo desconfiadas no início, interessaram-se sendo possível a viabilização deste projeto.

Segundo a percepção dos entrevistados o maior benefício em fazer parte de uma associação está ligado a: melhoria de renda e acesso a serviços (56,79%), benefícios em geral às comunidades (19,75%), proporciona certa “precaução” para o futuro em termos financeiros (14,81%) (Tabela 18). Nenhuma

das respostas esteve ligada a questões políticas organizativas ou reivindicatórias ou na defesa de algum interesse específico.

Quando perguntados se sabiam qual o objetivo o da sua associação as respostas foram as seguintes: “plantar e vender a pirioca, por isso formaram a mesma”, “não soube informar”, “atuar na parte econômica principalmente”, “para produtores mudarem de vida”, “ajudar a vender os produtos e resolver os problemas da comunidade”, “fazer projetos”, “legalizar os produtos”, “organizar a comunidade e melhorar a parte econômica”, “fazer empréstimos”. As acelerações da criação de Associações nas comunidades para fins de cumprimento de um contrato resultaram no formato de uma instituição que desempenha um papel de intermediário entre as comunidades e o mercado, uma instituição que emite notas fiscais. A empresa precisava de celeridade, porém a comunidade não tinha experiência em organizações formais. O caráter “cooperativista” destas associações não funciona, nem para a aquisição de insumos, nem para a venda de produtos das famílias. Somente no caso do MMIB em Cotijuba (que possui outro histórico organizativo) outras ações estão sendo empreendidas Assim, mesmo havendo formado uma associação para formalizar as relações da Natura com as comunidades através da aquisição pela matéria prima,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

percebeu-se que, via Associações não se comercializa outros produtos. As relações com o mercado são realizadas diretamente pelas famílias, de forma precária, isolada e desconexa, com sérios prejuízos às famílias e ainda causou desmobilização da organização que existia anteriormente. Antes da associação já tinha um grupo União Faz a Força por causa de doença, se alguém adoecesse a gente dava um apoio, não ia resolver, mas dava um apoio. Depois da associação o grupo continuou. Mas depois da associação do grupo deixou de existir, não sei porque. Aqui hoje só existe a associação (Agricultor familiar, membro da Associação). Nestes termos, a intervenção externa na estrutura organizativa da comunidade desmobilizou as formas organizativas de cooperação locais, introduzindo formas de gestão social ainda não compreendidas de fato pelos agricultores, com fim único e direcionado para relações econômicas. Um dos elementos do desenvolvimento sustentável, propagado pelas empresas que é o fortalecimento do capital social nas comunidades encontra-se desta forma, comprometido.

Outro elemento importante é que além de fomentar a criação das organizações formais foi “induzida” a candidatura de mulheres para estas organizações. Após eleições locais foram eleitas três presidentes mulheres e na

fala de uma delas fica bem claro a intenção da empresa: “somos mais responsáveis, mais organizadas, a empresa sabe disso”. “ No início não queria, é muito trabalho, mas fomos convencidas de que só as mulheres poderiam cumprir com os prazos”.

CONCLUSÕES

Tem-se na Amazônia um cenário que vai para além da agricultura e pecuária é o chamado Novo Rural e outra possibilidade de atividades pluriativas. Porém, ainda se mantém as velhas classificações de gênero quando se trata das relações entre empresas e comunidades.

Com a introdução de processos instrumentais exógenos às comunidades, observaram-se mudanças no uso da terra em especial na lavoura, e no uso de recursos naturais das comunidades, com a substituição de produtos da agricultura que provêm a segurança alimentar para o interesse por culturas comercializáveis como a pripioca. As dificuldades encontradas pelas comunidades em garantir a qualidade do produto comercializado, os desafios de adequação as exigências legais do processo de plantio e comercialização ainda são latentes. A Natureza instrumentalizou práticas de poder disciplinar através de programas como o BioQlicar, na busca por qualidade, quantidade, controle e rastreabilidade. Foi a disciplina fabril levada



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

às comunidades criando um ambiente de trabalho cooperado entre os diferentes “elos”, mas que na verdade tornou-se um trabalho subjugado. A parceria assume enfim, o seu caráter, que é o de fidelização do produtor em relação a empresa, assumindo baixa participação na gestão do processo. Intervenções de desenvolvimento em comunidades locais têm, em geral, o efeito colateral de produzir desigualdades sociais intra/intercomunitárias. Nas entrevistas desenvolvidas nas três comunidades mostraram que seus membros identificam como necessidades um maior acesso à educação e à saúde e um melhor sistema de transporte. A posição da Natura diante dessas questões é a de que não quer tornar as comunidades dependentes de uma assistência paternalista respondendo por serviços públicos de responsabilidade do Estado. É o desenvolvimento sustentável compartmentado. A conservação dos ativos da biodiversidade depende de fatores sociais, prerrogativa da proposta da Natura, e se esses fatores têm sido abordados apenas de forma tangencial, então mesmo que a totalidade dos moradores das três comunidades participasse de atividades de produção de piprioca para fins de comercialização, fato que definitivamente não ocorre, o desenvolvimento social estaria solapado e,

consequentemente, a sustentabilidade de toda a iniciativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIZZOTTI, Antio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERRARI, Alfonso Trujillo. Fundamentos de Sociologia. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

NATURA. Relatório Anual, 2004.

MOURÃO, P. Organizações Produtivas de Mulheres Rurais – 2011. Disponível em: <http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Artigo>.

Acesso em: 23/04/2018.

NICOLI, Clarisse Maia Lana; HOMMA, Alfredo Oyama Kingo; MATOS, Grimoldo Bandeira de; MENEZES, Antônio José Elias Amorim de. Aproveitamento de biodiversidade amazônica: o caso da piprioca. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2006.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Ribeirinhos no bairro do Jurunas. Seminário Internacional - Amazônia e Fronteiras do conhecimento NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Universidade Federal do Pará 9 a 11 de dezembro de 2008, Belém - Pará – Brasil.